

**Angélica Soares**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **A TENSÃO ERÓTICA/ECOLÓGICA NA POESIA DE ADÉLIA PRADO E MARIA TERESA HORTA**

... o princípio de todas as coisas é Cronos (Saturno), o Tempo. Este deus devorador é quem teria dado origem ao Éter e ao Caos.

Em todo o redor do Caos, havia a Noite, (...) uma ave negra de enormes asas. E fecundada pelo vento, pôs um ovo de prata no seio da escuridão original, entre o Céu que havia acima, e a Terra que jazia em baixo.

Do ovo saiu Eros, o Amor Universal, o Protógonos, o 'primeiro nascido'.

Eros não gostava de viver escondido nas trevas. Por isso, sob a luz de Fanes, que até então se guardava no ovo de prata, o Amor começou a desnudar a natureza.

E uniu o Céu e a Terra num abraço violento e apaixonado, do qual nasceu tudo o que faltava nascer<sup>1</sup>.

Se atentarmos para esses trechos do relato mítico cosmogônico, podemos depreender dois aspectos que, sobretudo, nos interessam nesta proposta de leitura da tensão erótica/ecológica, pela qual se constroem, inúmeras vezes, a poesia de Adélia Prado e Maria Teresa Horta. Em primeiro lugar, queremos recordar que a ação erótica esteve, desde sempre, ligada à ordem da natureza; em segundo lugar, que essa ação se fazia agregadora e construtivamente.

Ressaltaremos, portanto, o sentido paradigmático do dinamismo mítico cosmogônico, pelo que permanece, no imaginário do ocidente, a fusão primordial, erótica/ecológica, reatualizada, entre outras manifestações artísticas, na criação literária. Essa forma de figurização do erotismo se reveste de grande importância hoje, porquanto se faz, cada vez mais urgente, que o ser humano se conscientize de sua inserção na natureza, a fim de que conviva harmonicamente com o meio ambiente.

As lições de Félix Guattari<sup>2</sup> de que o alcance do equilíbrio global somente dar-se-á pelo inter-relacionamento dos três registros ecológicos (do meio ambiente, do social

e da subjetividade humana), virá a ampliar criticamente a nossa leitura. Isto porque os textos selecionados, ao transmitirem imagens de interação entre o corpo e a natureza, na poematização do exercício erótico compartilhado ou da fala da liberação do desejo da mulher, questionam a ideologia patriarcal e a «moral sexual cristã», nos levando a pensar simultaneamente no fortalecimento da subjetividade, decorrente da experiência interior prazerosa e nos relacionamentos interpessoais mais igualitários, resultantes desse fortalecimento.

Comecemos por exemplificar essa nossa perspectiva crítica com o poema de Adélia Prado, intitulado «O amor no éter»:

Há dentro de mim uma paisagem  
entre meio-dia e duas horas da tarde.  
Aves pernaltas, os bicos mergulhados na água,  
entram e não neste lugar de memória,  
uma lagoa rasa com caniços na margem.  
Habito nele, quando os desejos do corpo,  
a metafísica exclamam:  
como és bonito!  
Quero escavar-te até encontrar  
onde segregas tanto sentimento.  
Pensas em mim, teu meio riso-secreto  
atravessa mar e montanha,  
me sobressalta em arrepios  
o amor sobre o natural.  
O corpo é leve como a alma,  
os minerais voam como borboletas.  
Tudo deste lugar  
entre meio-dia e duas horas da tarde.<sup>3</sup>

Nos dois versos iniciais, com sua força de introdução dos «desejos do corpo», já se projeta um eu, que se identifica pelo reconhecimento de sua cumplicidade com a natureza.

Pela recordação se presentifica a leveza da cena amorosa gratificante, sem o peso da culpa e do pecado, pois «O corpo é leve como a alma»: imagem de grande impacto, por estar a leveza associada à superação da dicotomia entre o corporal e o espiritual, imposta pela «moral sexual cristã», que sempre uniu as sensações do corpo às noções de impureza e de mácula. Ao verbalizar-se «o amor sobre o natural», ele se reconhece em sua pureza, sublimidade e elevação – em sua manifestação verdadeiramente etérea.

A não dissociação entre subjetividade e exterioridade, que vem ao encontro da ecosofia de Guattari, pode ser também detectada através das imagens de leveza que, se por um lado configuram simultaneamente alma e corpo humanos, conformam ainda a natureza («os minerais voam como borboletas»), poematizados em perfeita harmonia.

Para uma outra indicação do «éter», o que entorpece, parece-nos conduzir o poema, na apresentação das horas de repouso («entre meio dia e duas horas da tarde»), como

instantes ideais para o entregar-se aos desígnios de Eros. Assim a imagem do entorpecimento não reduz a da intensidade do ato amoroso, antes a motiva; o que se inscreve nos versos pelo «Quero escavar-te até encontrar / onde segregas tanto sentimento» e pelo «me sobressaltas em arrepios».

A explicitação da beleza do homem amado (v. 8) remete-nos para a ultrapassagem dos padrões de comportamento e de valores determinados histórico-culturalmente.

No discurso adeliiano, constantemente, a figura masculina do amante aparece como objeto de desejo. Ressingulariza-se, também desse modo, o relacionamento amoroso no sentido de torná-lo igualitariamente habitável. E isto se reforça ainda neste poema, porque ambos os amantes *con-fundem-se* na dinâmica natural. O primeiro, nas afirmações iniciais do poema e o segundo, pela ação do «escavar», comumente dirigida para a terra e agora voltada para o corpo desejado.

O «éter» ainda, como símbolo do finito, nos lembra a finitude da vida, a exigir o amor bem realizado como forma de fortalecimento de «domínios moleculares de sensibilidade (...) e de desejo»<sup>4</sup>, isto é, da «paisagem» interior (veja os dois primeiros versos), para que se fortifique a socialidade (fortalecimentos alicerçantes das urgentes transformações ambientais, na proposta guattariana).

De Adélia Prado nos vem um outro exemplo do discurso desconstrutor da representação estereotipada de feminino e masculino, sustentada pelas tecnologias de gênero patriarcais, reduplicadoras da percepção essencialista de uma feminilidade e uma masculinidade «naturais», calcada em fatores biológicos; encobrindo-se, assim, a sua verdadeira existência como uma construção cultural<sup>5</sup>:

Ao meio-dia, deságua o amor,  
os sonhos mais frescos e instigantes;  
estou onde estão as torrentes.  
Ao redor da casa grande espaça um quintal sem cercas  
tomado de bananeiras, só bananeiras,  
altas como coqueiros.  
Chego e é na beira do mar encrespado de correntezas,  
sorvedouros azuis.  
Há um perigo sobre faixa exígua  
que é de areia e é branca.  
Quero braceletes  
e a companhia do macho que escolhi.<sup>6</sup>

Aí, o sentido de correspondência entre a realização amorosa e a da natureza leva a que se identifique aquela por uma ação própria desta: o desaguar, que situa o «eu» em perfeita consonância com a dinâmica natural, quer em sua organização tranqüila («bananeiras» no «quintal»), quer em seu manifestar-se violento («... mar encrespado de correntezas/sorvedouros azuis»).

Se, numa possível leitura, associarmos a idéia do «perigo» (vv. 9 e 10) às declarações abruptas dos dois versos finais onde o eu tem a palavra decisiva, surpreenderemos,



Esse «grito» feminino, inscrito no verso, ganha em significação nesta nossa perspectiva de leitura, quando lembramos ainda com Guattari que:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma capa de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os «marginalizados»...<sup>11</sup>.

Na ecosofia guattariana, a condição da mulher participa das preocupações ecológicas tanto quanto as questões ambientais e a estas se ligam em busca do equilíbrio global. E, como a instância da eroticidade feminina foi sempre uma das mais esmagadas pelas estratégias de poder, entende-se porque a dimensão da sexualidade vem sendo um componente tão forte na luta emancipadora das mulheres e o erotismo tão textualizado, nas últimas décadas, pelas mulheres escritoras.

A criação e divulgação, pela mulher, de uma poesia que radicalize os modos libertários de desierarquizar a vivência do desejo integram, portanto, a consciência ecológica no seu sentido mais amplo, visto que as figuras de libertação do corpo e de suas sensações eróticas, em harmonia com a natureza, contrapõem-se às imagens incutidas pelos mecanismos poluidores da subjetividade e, conseqüentemente, da socialidade.

Em Maria Teresa Horta, Adélia Prado e comumente na poesia que tematiza o erotismo, a mensagem erótico-ecológica vai abrindo espaços de conscientização para a necessidade de se construírem «Territórios Existenciais»<sup>12</sup> concernentes a modos de ser e ao corpo, como pontos de partida para o equilíbrio global do planeta.

O dinamismo mítico de Eros, porque disposto historicamente, ao reatualizar-se no poema, sinaliza-nos, como pretendemos ter encaminhado, para modos tão próximos (e sempre tão afastados por estratégias opressoras) de tornar-se o ser humano feliz.

<sup>1</sup> *Mitologia*, 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1976, vol. 1, p. 26.

<sup>2</sup> Guattari, Félix, *Les trois écologies*, Paris, Galilée, 1989.

<sup>3</sup> Prado, Adélia, «O amor no éter», in *Terra de Santa Cruz*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1986, p. 27.

<sup>4</sup> Guattari, F., *op. cit.*, p. 14.

<sup>5</sup> Veja a esse respeito os seguintes ensaios «Moi, Toril. Feminist, female, feminine», in — *et alii*, *The feminist reader*, London, Macmillan Press, 1989, pp. 117-32 e Lauretis, Teresa de, *A tecnologia do gênero*, trad. Susana Funk, in — *et alii*, *Boletim do GT*, «A mulher na Literatura», n° 4, Florianópolis, UFSC/ANPOLL, 1992, pp. 23-54.

<sup>6</sup> Prado, Adélia, «Canícula», in —, *O coração disparado*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, p. 55.

<sup>7</sup> Horta, Maria Teresa, «Roseiras», in —, *Poesia completa 2*, Lisboa, Litexa, 1983, pp.149-50.

<sup>8</sup> Bataille, Georges, *O erotismo*, 2ª ed., trad. João Bernard da Costa, Lisboa, Moraes, 1980, pp. 91-92 e 126-27. O autor já antecipa, na introdução do livro, o entendimento do erotismo como uma experiência que tensiona a continuidade e a descontinuidade do ser.

<sup>9</sup> Horta, Maria Teresa, «Plenitude», in —, *Poesia completa 1*, Lisboa, Litexa, 1983, pp. 93-94.

<sup>10</sup> Ricci, Angelo, «Apresentação», in Dufrenne, Mikel, *O poético*, trad. Luiz Arthur Nunes e Reasylyvia Kroeff, Porto Alegre, Globo, 1969, p. XIII.

<sup>11</sup> Guattari, F., *op. cit.*, p. 35.

<sup>12</sup> *Ibid.*, pp. 38-39 e 49.